A CASA TOMBADA

FACONNECT: Faculdade Conectada Pós-graduação Lato Sensu: “O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação literária”.

KALIANA OLIVEIRA DA HORA

Tornando pública a história de mulheres negras nos livros para as infâncias.

Trabalho de conclusão de curso apresentado n’ A Casa Tombada, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de especialista em Pós-graduação Lato Sensu. O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação sob orientação das professoras Ananda da Luz Ferreira e Cristiane Rogério.

São Paulo
2026

Tornando pública a história de mulheres negras nos livros para as infâncias

Kaliana Oliveira da Hora

Resumo: o presente artigo tem como objetivo estabelecer diálogos entre História de Mulheres negras e História Pública em obras de literatura infanto-juvenil publicados por escritoras negras. O trabalho destaca a literatura como divulgadora de trajetórias, quebrando com o silenciamento histórico imposto às mulheres negras, sendo significativo na construção de repertório de educadores, artistas da palavra e ativistas atentos à aplicação da lei 10.639/2003, atualizada pela lei 11.645/2008, bem como na valorização da identidade da criança negra. Para isso, recorro a alguns livros de autoria feminina e negras e entrevistas. Balizo a discussão a partir dos estudos sobre História Pública pensada por Almeida e Rovai (2011); Albieri (2011) e Frisch (2016); trabalhos sobre Literatura Negra Infanto-Juvenil feitos por Oliveira (2020); Rosa (2024), Piauí (2024),território (2024); o conceito de escrevivência cunhado por Conceição Evaristo e as definições de espaço de experiência e horizonte de expectativa de autoria de Koselleck(2006).

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil; escritoras negras; Trajetória de mulheres negras e História Pública.

Introdução

Interesso-me pelo trabalho de escritoras e ilustradoras negras que nos livros para infância narram histórias de mulheres negras. As escolhas de editar estas histórias para serem lidas por crianças, fazem com que todas e todos nós conheçamos biografias que, por muito tempo, a Historiografia e a Educação Escolar silenciaram. Minha experiência encontra-se com o das pesquisadoras que falarei mais adiante visto que publiquei, de forma independente, dois livros: *O Céu de Caro* em 2021l e o *Céu de Carol e outras histórias de coragem em 2025*[1]. Os dois livros foram ilustrados por Stela Maria Gomes Menezes. O primeiro homenageia a escritora Carolina Maria de Jesus e o segundo o Dragão do Mar, o Chico da Matilde. No processo de circulação das obras, em contato com crianças e adolescentes, notei que estava

[1] O primeiro livro contou com apoio de financiamento coletivo e da Assembleia Legislativa da Bahia - ALBA Cultural. O segundo foi financiado pelo Edital N° 16/2024 Livro, Leitura e Memória: A Bahia que escreve da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura promovida pelo Governo Federal, Ministério da Cultura e Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

fazendo conhecer a trajetória de pessoas negras, tal como sua contribuição para a História do Brasil.

Minha primeira formação acadêmica e profissional foi em História. Sou graduada em História em, 2012, e Especialista em História do Brasil, em 2014, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e mestre em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em 2019. Por um tempo, me afastei da pesquisa histórica. Nesse período, acessei literatura negra afro-brasileira, escrevi para coletâneas de autoria negra, participei de projetos de formação de professores, lecionei na educação básica e me tornei especialista em Narração Artística: caminhos para contar histórias em contexto urbano pela A Casa Tombada em 2023.

Ainda em 2023, iniciei leituras sobre a História Pública. Conforme as pesquisadoras, (Juniele Almeida e Marta Rovai, 2011, p.7), "a história pública é uma possibilidade de conservação e divulgação de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões". Ela pode ser útil "para valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de análise" (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p.7). Considerando a multidisciplinaridade da História Pública, historiadores têm discutido ora de maneira tensionada ora de maneira colaborativa[2] sobre produções literárias, cinematográficas, exposições e demais modos que artistas, intelectuais e jornalistas têm colaborado com a democratização da história.

Na condição de escritora e historiadora, proponho um diálogo sobre obras literárias de autoria negra e divulgação de trajetórias de mulheres negras nos livros para infância. Para além dessa discussão, pretendo conhecer um pouco mais sobre suas escrevivências. Compreende-se como escrevivência

> um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças (Evaristo, 2021, p.30).

O meu corpo voz narra histórias em que crianças e mulheres negras não mais são brinquedos dos senhores ou aquelas que devem ser invisibilizadas nos espaços escolares e silenciadas na História. Escrevo para que crianças possam se ver no lugar de protagonistas,

[2] Entre 1970-1980, período que se inicia o pensar a História Pública no Brasil, surgiram debates sobre quem teria autoridade acadêmica/científica para divulgar a História respeitando práticas científicas da disciplina e sobre o papel de outros agentes que divulgavam a história afim de responder demandas imediatas da sociedade. Tais tensões resultaram na produção de pesquisas que apontam diferenças entre a História feita pelos historiadores para um público, a história feita por historiadores com o público e a contribuição de diferentes áreas, literatura, cinema, jornalismo, na divulgação da história.

cientistas, brincantes e em outros papéis que subvertem a lógica imposta socialmente às pessoas negras no nosso país.

Durante a infância e adolescência, acessei poucos livros, contudo os livros que conheci não apresentavam pessoas negras no lugar de protagonismo, resistência e reconhecimento por sua participação na política, economia ou cultura do nosso país. Somente quando conheci algumas obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo e suas trajetórias compreendi: o cotidiano de pessoas negras pode ser ficcionalizado e mulheres negras podem ser escritoras. Daí entendi a importância de crianças negras conhecerem biografias de mulheres negras e escrevi o Céu de Carol.

No livro *Infâncias e leituras - Presenças negras e indígenas na literatura infantil* (Editora Pulo do Gato, 2025), Sônia Rosa afirma "Toda gente sabe que os livros formam mentalidades" (ROSA, 2025, p. 27), e Juliana Piauí declara "o pluriverso simbólico de histórias que as crianças têm acesso ao longo da vida repercute na imagem que elas irão construir sobre si e sobre os outros, assim como influência nos valores que elas sentirão ter socialmente" (PIAUÍ, 2025, p.53). Eu acrescento: o modo como a criança enxerga a si e ao outro, seus modos de pensar e os valores incutidos influenciam as suas ações.

Em minha pesquisa encontrei, vinte livros, publicados entre 2012-2025. São obras de autoria de mulheres que além de colaborar com a valorização de corpos e vivências das crianças negras, têm construído pontes geracionais entre meninas e mulheres negras ao contar trajetórias de mulheres negras em livros para infância, revisitando o passado, dando-lhe novos significados conforme suas experiências e expectativas de futuro. Consegui conversar com oito escritoras e ilustradoras, sendo as obras delas as escolhidas para discussão nesse artigo.

Foram entrevistadas as escritoras, Cássia Valle, Elaine Marcelino, Eliane Debus, Elisa Oliveira, Madu Costa, Regina Luz, Sônia Rosa e as ilustradoras, Ani Ganzala e Suzane Lopes.

.Anterior as entrevistas, elaborei um roteiro contendo questões direcionadas a maioria das entrevistadas: " Conta sobre sua trajetória como escritora. Por que escrever livros para as infâncias? Como se deu teu encontro com as biografadas? Como tem sido o impacto da tua produção entre as crianças? Quais estratégias de circulação literária? Foram realizadas, também, perguntas específicas referentes a criação da obra. As entrevistas foram realizadas à distância via plataforma zoom nos meses de fevereiro e março de 2026. Duas foram mais curtas, pois as entrevistadas estavam com a agenda apertada. Para essas destinei apenas uma ou duas questões. Outras dedicaram tempo maior uma entrevista, algumas pareciam uma aula ou palestras, outras um bate-papo entre pessoas que se conheciam há tempos, mas todas

essenciais ao meu trabalho. Optar por esse modo de entrevista superou longas distâncias, otimizou o tempo e barateou os custos com a pesquisa.

Ricardo Santhiago e Valéria Magalhães (2020), apresentam orientações acerca da realização de entrevistas à distância, via internet, tornando necessário garantir que a gravação fosse realizada em ambientes silenciosos para evitar ruídos; iniciar as entrevistas ofertando informações sobre mim e a pesquisa a fim de criar uma relação de confiança comigo e as entrevistadas e dar credibilidade à pesquisa, sendo essa prática comum, também, às entrevistas realizadas presencialmente; haver concordância com a forma de autorização da entrevista; e o envio de uma cópia da entrevista para as entrevistadas, colaborando com a transparência dos conteúdos relatados.

Diante do exposto, o artigo está dividido em duas partes: na primeira partilho com os leitores comentários sobre as obras estudadas, na segunda estabeleço diálogos entre literatura infanto-juvenil e História Pública.

1.Literatura para as infâncias: mapeando narrativas de afeto e (re)existência negra.

Os livros selecionados foram encontrados a partir de pesquisa no *Google*. No site da *Editora Mostarda,* encontrei os livros da *Coleção Black Power* comentados no decorrer desse tópico*;*, via indicação de Ananda Luz e Cristiane Rogério, coordenadoras da pós-graduação *O livro para infância: processos contemporâneos de criação, mediação e circulação* da Casa Tombada, conheci os livros *Dona Brígida, Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta, Beata a menina das àguas, Dandara guerreira em cordel, Raquel Trindade, mas pode me chamar de Rainha Kambinda* e *Enciclopédia Negra para Jovens Leitores*. O livro *Mukalê: a menina de Matamba conhecia,* pois, foi publicado por Elisa Oliveira, escritora que já conhecia antes desta pesquisa iniciar, visto que circula em territórios comuns aos meus. Elisa, também, indicou o livro *Eva.* Consegui mapear outros livros e autoras, no entanto algumas não foi possível agendar entrevistas.

1.1 Quando Esperança Garcia escreveu uma carta

O livro foi escrito por Sônia Rosa, carioca, educadora e escritora, e a Luciana Justiniani Hees, ilustradora de livros sobre cultura africana e afro-brasileira e publicado em 2012 pela editora Pallas. A obra é contada em primeira pessoa pela personagem Esperança Garcia.

Esperança Garcia morou na fazenda dos Algodões no Piauí junto ao marido, filhos e servia aos padres Jesuítas. Lá ela aprendeu a ler e escrever. Quando os líderes religiosos foram expulsos do Brasil, ela foi obrigada a servir ao capitão Antônio Vieira Couto que separou a mesma de parte dos filhos, causava maus tratos físicos nela e nos filhos e impedia-lhe de cumprir com deveres católicos. Esperança Garcia escreveu uma carta endereçada ao governador, hoje considerada uma petição, denunciando os maus tratos que sofria, reivindicando retorno para a Fazenda dos Algodões e direitos religiosos. Para as autoras, Esperança Garcia representa a esperança por uma vida melhor, sendo por isso preservada nos nossos corações.

1.2 O céu de Carol

O livro foi escrito por mim, ilustrado por Stela Maria Gomes Menezes, educadora, arte colagista e cineclubista, e publicado de forma independente em 2021. A obra tem como protagonista uma menina criativa e intelectual chamada Carol. Em contato com os seus amigos Estrelinha, Chiquinho e Bia, Carol cria um mundo no qual as crianças possuem autonomia para participar do processo educativo umas das outras. Orientadas pela Estrelinha, elas viajam pelo céu para procurar e divulgar histórias de personalidades negras como Carolina Maria de Jesus.

1.3 Dona Brígida

O livro foi escrito por Sônia Rosa, ilustrado por Walter Lara e publicado pela Mazza Edições em 2021. Narrada em primeira pessoa, a obra relata uma história de afeto, admiração, cura e gratidão entre Dona Brígida, rezadeira, e a autora do livro, que na infância teve um machucado no pé cuidado pela senhora. Com Dona Brígida e a criança, aprendemos um pouco mais sobre os mistérios da vida e a força da palavra.

1.5 Beata: a menina das águas

Escrita por Elaine Marcelina, escritora e historiadora, e Annie Ganzala, ilustradora e historiadora, a obra homenageia uma Yalorixá. O livro chama Beata*: a menina das águas* e foi publicado pela editora *Malê em 2021*. *Beatriz* Moreira Costa, conhecida como mãe Beata de Iemanjá, nasceu em Cachoeira na Bahia, em 1931. Ela escreveu três livros e atuou como defensora dos direitos humanos, com destaque para o direito das mulheres. Na obra, Beatriz é filha de pescadores, possui forte conexão com as águas, amava a música e a natureza e está destinada a falar em nome de uma coletividade. A obra adapta fragmentos da vida de Beatriz junto à mãe, dona de casa, o pai, pescador e as águas que lhe farão filha de Yemanjá e Yalorixá.

1.6 Dandara guerreira em cordel

De autoria de Madu Costa, escritora, pedagoga pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-graduada em Arte Educação pela PUC Minas, e Carol Fernandes, ilustradora e pedagoga graduada na mesma universidade, publicaram o livro que foi publicado pela Editora Mazza em 2022. No cordel e nas ilustrações que são inspiradas na arte da xilogravura, Dandara aparece como uma liderança, uma guerreira que ao lado de Zumbi lutou contra à escravidão. O cotidiano em um quilombo, também, é representado dando destaque à produção agrícola e cultural. A obra reconhece que há pouca informação sobre Dandara, e que há quem duvide da sua existência, mas a autora afirma sua existência.

1.7 Eva

Regina Luz, escritora, produtora cultural e professora e a ilustradora, Aline Terranova, são autoras do livro *Eva* publicado pela *Tear Editora* em 2023. O livro conta a história de Eva, uma criança soteropolitana, filha de uma dona de casa e de um auxiliar de construção e com pouco acesso a livros. No seu aniversário, Eva ganha um livro sobre Maria Firmina e se vê representada na história da escritora. Eva venceu o concurso na sua escola que lhe deu a oportunidade de conhecer a Casa de Maria Firmina no Maranhão. Quando retornou, conseguiu convencer os educadores a mudarem o tema da terceira feira cultural da escola, que passou a ser Maria Firmina. É Eva que interpreta Maria Firmina durante a Feira Cultural, ela é aplaudida por toda comunidade escolar. Em especial, pelo irmão que com frequência se sentia superior a ela por ser um menino.

1.8 Raquel Trindade, mas pode me chamar de Rainha Kambinda

O livro, também escrito por Sônia Rosa, foi ilustrado por Bárbara Quintino e publicado pela editora Pequena Zahar em 2023. A escritora e a ilustradora contam sobre o nascimento, criação e vida artística de Raquel Trindade, filha de Solano Trindade e Maria Margarida Trindade, nascida em Recife - PE em 1936, viveu em Embu das Artes - SP, materna três filhos, atuou como coreógrafa, bailarina, artista plástica, figurinista, folclorista, escritora, gestora cultural e professora. Seus trabalhos foram em prol da defesa das mulheres, em especial mulheres negras e valorização da cultura negra. O texto possui muitas rimas e é acompanhado

por cores vivas que ilustram a brincadeira, a dança, a musicalidade e a pintura. A ilustração e texto em conjunto dão a sensação que estou em uma ciranda ou roda de histórias.

1.9 Mukalê: a menina de Matamba

Escrito por Elisa Oliveira, escritora, educadora e filósofa e ilustrado por Érica Silva, ilustradora e designer gráfica, e publicado de forma independente em 2024. O livro narra a trajetória de Hilsa Rodrigues Pereira dos Santos, sétima filha de Isabel e Valentin. Ela nasceu e cresceu no bairro da Conquista em Ilhéus, herdou o terreiro da avó e da mãe, ambas Yalorixás, e é conhecida como Mãe Hilsa Mukalê. A partir da sua trajetória, conhecemos palavras de origem bantu, brincadeiras infantis, plantas, Nkisis e o terreiro como lugar de cuidado e preservação de memória. Mãe Hilsa conquistou o respeito, apoio e reconhecimento da sociedade devido aos trabalhos sociais, culturais e religiosos que o Terreiro Matamba Tombeci Neto desenvolveu. Ela recebeu prêmios, homenagens e título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Atualmente Mãe Hilsa tem 92 anos de idade, e 80 de iniciada no candomblé Angola.

1.10 Coleção Meu Primeiro Black Power: Mahin, Zeferina, Felipa e Firmina

Os livros *Mahin*, *Zeferina*, *Felipa* e *Firmina* foram escritos por Cássia Valle, atriz, produtora e escritora e Luciana Palmeira, educadora, museóloga e historiadora, ilustrados por Leonardo Malavazzi e publicados pela editora Mostarda em 2024. Junto às obras compõem a *Coleção Meu Primeiro Black Power*.

A partir das biografias construídas é possível conhecer um pouco da diversidade étnica e geográfica do continente africano, as estratégias de resistência à escravidão no Brasil e a simbologia em torno das mulheres pesquisadas. As histórias ocorrem no século XIX em dois estados do nordeste: Bahia e Maranhão. Os textos possuem uma estrutura semelhante: apresenta-se o território de origem das personagens, a infância delas, a vida quando jovem, a resistência individual e coletiva e o significado de suas trajetórias como heroínas da liberdade

No livro *Mahin,* as autoras narram a história de Luíza Mahin, mulher da nação Mahi, nascida na costa da Mina na África entre 1812 e 1814, capturada e trazida à força para a Bahia. Luíza Mahin lutou por sua liberdade e pela liberdade de outras pessoas, dando destaque para sua participação na Revolta dos Malês e na Sabinada. A personagem é apresentada como uma mulher corajosa, inteligente, capoeirista e quituteira.

Na obra *Zeferina*, descobrimos que a personagem é oriunda de Angola. Ela e sua mãe, Amália, foram trazidas à força ao Brasil, vendidas e escravizadas. Em 1823, Zeferina fugiu e criou o Quilombo do Urubu na Bahia. Lá viveram negros e indígenas. Após muitos ataques o quilombo sucumbiu e Zeferina foi presa. Ela é representada como uma mulher livre como o vento que um dia sonhou com uma comunidade liberta.

Na obra *Firmina*, sabemos que Maria Firmina nasceu no Maranhão em 1825, na infância recebeu influências da família materna e paterna, tornou-se professora e romancista. Seus trabalhos mais famosos foram *Úrsula* e *A Escrava.* O amor e o sofrimento das pessoas negras foram retratados em suas obras. A luta pela justiça e respeito à diversidade em sua literatura, como também sua trajetória como educadora, são exaltadas pelas autoras.

O livro Felipa conta que Maria Felipa nasceu na Ilha de Itaparica na Bahia em 1800. Ela cresceu ouvindo histórias de ancestrais africanos, aprendeu a pescar e a jogar capoeira. Com o dinheiro conquistado com o trabalho, a personagem comprou a sua alforria. Nas batalhas pela Independência do Brasil na Bahia, Maria Felipa aliou-se às outras mulheres e aos indígenas na luta contra os portugueses, expulsando os mesmos da Ilha de Itaparica e corroborando assim com a Independência do Brasil e da Bahia.

1.11 Enciclopédia Negra para Jovens Leitores

Na *Enciclopédia Negra para Jovens Leitores*[3], escrita por Lilia Schwarcz, historiadora, antropóloga, curadora e professora da Universidade de São Paulo e da Universidade de Princeton, e Flávio Gomes, historiador e professor da UFRJ, ilustrada por Suzane Lopes, ilustradora, escritora, designer, publicada pela Editora Companhia das Letrinhas em 2025, encontra-se a minibiografia de mais de oitenta pessoas negras que viveram em tempos e regiões distintas, exerceram profissões diversas e lutaram cada um ao seu modo por direitos sociais e políticos, participaram da construção social, cultural e econômica do Brasil. Os personagens são apresentados em pares com a intenção de relacionar experiências, modos de vida, desejos e profissões.

2. Mulheres negras por mulheres negras: encontros e histórias.

Para Sara Albieri (2011), a consciência histórica constitui-se do modo como as pessoas interpretam a sua experiência e do mundo em que se situam. Os seres humanos organizam sua

[3] Cabe salientar que o livro, difere-se dos demais, pois conta com a escrita de um homem negro e uma mulher branca, no entanto foi selecionado, pois reúne mais de oitenta personalidades negras, sendo ilustrado por uma mulher negra.

experiência no mundo, sendo que essa prática antecede a criação da História como disciplina, bem como a memorização de datas e fatos históricos. No presente trabalho, mulheres negras compartilham uma experiência individual e coletiva que lhes impulsiona a escrever livros para infância, tal como recorrem ao passado de personalidades negras e faz o mesmo presente.

Indaguei as entrevistadas sobre a escolha das biografadas. Elisa Oliveira, autora do livro *Mukalê: a menina de Matamba*, contou-me que:

> Ouvi falar de mãe Hilsa ainda na infância por minha avó Matilde, que era uma mulher de terreiro. Então eu vi a minha avó falar muito em dona Roxa, que é a mãe de mãe Hilsa [...] Não sabia exatamente quem era, né? Depois eu passei a trabalhar na Conquista[4], no bairro onde o terreiro é sediado. E lá as pessoas têm muito respeito. Muito respeito mesmo à mãe Hilsa. Então virava e mexia esse nome surgia também, né? E eu já fazia um trabalho mais voltado para estudar a África [...] E aí, em um dado momento, eu fiz um trabalho e sugeri que alguns alunos fossem pesquisar, entrevistar na verdade mãe Hilsa. Aí a gente conseguiu. Eu levei os estudantes. Um grupo lá no terreiro. Ela atendeu super bem. [...] E depois disso, alguns outros trabalhos. [...] E aí, depois de um tempo, acho que há três anos, talvez ou quatro - não me lembro bem - Marinho, o filho, entrou em contato comigo dizendo que eu ia ganhar o troféu mãe Hilsa Mukalê. Eu achei muito interessante que eu já estava com vontade[5]. Eu já tinha na verdade desenhado na minha cabeça um projeto chamado 'trajetórias". (Entrevista realizada via plataforma Zoom em 21 de fevereiro de 2026)

O trabalho de Elisa Oliveira tem o diferencial de trazer para narrativa passagens da história de uma senhora que é nossa contemporânea. Marinho, havia relatado que as crianças do Projeto Vunje, projeto gerido pela organização não governamental Gongombira do Terreiro Matamba Tombenci Neto, não conheciam a trajetória da yalorixá. Quando lançam o livro, o mesmo chega:

> primeiro na mão das crianças do Projeto Vunje, que para mim foi uma surpresa importante também porque eu falei com o Marinho que seria bom, né? As crianças saberem a história de Mãe Hilsa e tal. Aí ele falou, mas eu não sabia que ele ia presentear as crianças com o livro e no lançamento, as crianças estavam todas lá. Todas ganharam o livro. Todas falaram comigo, me conheceram e tiraram foto. (Entrevista realizada via plataforma Zoom em 21 de fevereiro de 2026)

As obras literárias citadas nesta pesquisa podem ser relacionadas à territorialidade, visto que, conforma Ananda Luz"O livro [...] dialoga com a territorialidade por construir relações de acesso a muitos lugares, por ser físico e também por comunicar os atores sociais que fazem

[4] O bairro Alto da Conquista localiza-se em área de morro e central na cidade de Ilhéus – BA.

[5] Elisa relata estar com vontade de escrever a trajetória de Mãe Hilsa. O convite para ser homenageada na Semana mãe Hilsa Mukalê foi mais um incentivo.

parte do pluriverso" (LUZ, 2024, p.129). No caso desse livro, considero que o território pode ser, também, uma ponte intergeracional, pois conecta crianças à uma senhora que está prestes a completar cem anos, sendo de extrema relevância visto que o Brasil possui altos índices de violência contra pessoas idosas. Conforme o Disque 100, em 2024, (Brasil, 2025), a maioria das denúncias acusando negligência e maus tratos atingiram crianças e adolescentes (289,4 mil) e pessoas idosas (179,6 mil).

O momento respeitoso entre crianças e uma senhora neste evento diz muito sobre a valorização dos mais velhos em comunidades de religião de matriz africana no Brasil, visto que ser mais velho no candomblé e na umbanda é símbolo de sabedoria e honra. São a partir dos ensinamentos transmitidos pelos mais velhos que os mais novos podem aprender a preservar costumes e saberes de um povo.

O encontro das crianças com a trajetória de Mãe Hilsa será ampliado, pois o livro foi publicado pela Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana (EDUEFS) em 2025. Conforme a autora, a editora participa de grandes eventos literários no Brasil e na América Latina. No entanto, Elisa espera que pessoas do território possam estar em contato com a história de seus conterrâneos "o meu desejo maior deste livro é que ele entrasse para a rede municipal de educação aqui de Ilhéus". (Entrevista realizada via plataforma Zoom em 21 de fevereiro de 2026).

Elaine Marcelina, foi convidada pela editora Mazza para escrever um livro infantil que narrasse a história de uma Yalorixá, mãe Beata. No entanto, a história do livro começa, antes do pedido, a partir de um encontro: "Quando ela subiu ao palco[6], ela disse assim...esse é o início da minha relação com ela. Duas frases que me impactaram: sou semianalfabeta, mas tenho três livros publicados. Eu só tenho até a terceira série primária. Eu anotei e falei: Não é possível. Eu tenho que conhecer essa mulher e tenho que entrevistá-la". (Entrevista realizada via zoom em 13/03/2026).

O livro de Elaine Marcelina, com simplicidade, conta a história de uma criança que cresce ao lado de seus familiares e em conexão com a natureza. O livro propõe uma contranarrativa sobre as religiões de matriz africana, quem demoniza não entende que as religiões de matriz africana cultuam a natureza

[6] Conforme a entrevistada, o palco localizava-se no Centro Cultural Silva Monteiro em Nova Iguaçu – Rio de Janeiro. O discurso de mãe Beata provavelmente ocorreu no ano de 2007.

> "[...]. Então a gente da religião de matriz africana tem mais amor por esse planeta do que eles possam imaginar. Porque para a gente, o sol é Omolu[7]. O sol está falando comigo: Eu tenho que reverenciar o sol. Eu reverencio o vento quando está tendo raio[...] Então assim a gente não tem esse medo da natureza". (Entrevista realizada via zoom em 13/03/2023).

O livro tem circulado majoritariamente em escolas do Rio de Janeiro e São Paulo[8], sendo motivo de identificação entre crianças de terreiro e desconstrução de preconceitos e discriminação entre crianças de outras religiões:

> [...], eu fui numa escola em que as crianças acho que a maioria era macumbeira[9]. Quando eu comecei a ler: tia, tu recebe Pomba Gira? Eu fui duas vezes que eles iam construir uma história a partir desse livro. E aí, tinha uma criança que começou a chorar. Aí as crianças que queriam falar de Exu falaram assim: tia, deixa ela. Ela é chata[...] E eu respondendo ali, na medida possível, à menininha que estava chorando. Eu fui falar com ela. Ela falou: assim. Eu estou chorando porque eu sou da igreja. Aí eu falei: mas e o que tem você ser da igreja? Não, mas é porque esse livro. Eu tenho que escrever sobre isso. Falei: vamos lá esse livro é para todas as crianças. Eu estou trazendo um conhecimento. Você quer escrever sobre esse livro? Você viu que a menina é apaixonada pelo mar, pelo rio. Você já foi à praia? Conta um belo dia de praia com a sua família. Aí a menina parou de chorar. (Entrevista realizada via zoom em 13/03/2023).

Eliane Debus, escritora, professora e pesquisadora na Universidade Federal de Santa Catarina, também escreve sobre uma mulher do seu território, Antonieta de Barros. Ela conheceu Antonieta no movimento negro. O despertar para a possibilidade de escrever sobre a personalidade tem como incentivo inicial a produção e circulação de um poema:

> A Antonieta nasce de um poema. Eu chego em dois mil e dezenove. Eu começo a mostrar para alguns colegas, mas eu não estava contente, eu disse: falta a gente estar ali com as crianças. Era maio, mais ou menos, eu fui conversar com um grupo de crianças numa escola: fica no sul da ilha[10]. No sul da ilha, a gente tem o túnel para ir para o centro, tá? E um menino perguntou assim: Ah, qual é o teu próximo livro? Ele disse tudo com perguntinha. Qual é o teu próximo livro? Daí eu olhei pra ele. [...] Daí eu disse: Ah, eu tenho um livro sobre Antonieta de Barros. O menino olhou

[7] Nas religiões de matriz africana, os orixás representam elementos da natureza. Conforme George (2009), Omolu é conhecido, também, como Obaluaiê pelo povo iorubá. Omolu seria o senhor das terras quentes e Obaluaiê seria o próprio sol. Como ambos correspondem a energias semelhantes, a entrevistada afirma ser Omolu o sol. Quando cultuamos o sol, cultuamos Omolu e/ou Obaluaiê.

[8] O livro pode ser acessado no território nacional, visto que é possível adquiri-lo em sites de venda de livros. No entanto, entre 2021-2022, período que o livro foi lançado, a editora Malê ganhou um edital de aquisição da obra em São Paulo. A editora Malê é uma editora do Rio de Janeiro, o que facilita a criação de estratégias de circulação do livro no território. Além disso, por meio de oficinas de escrita criativa promovidas em ambiente online e em faculdades, a autora têm divulgado seus trabalhos.

[9] O termo macumbeira frequentemente é usado de maneira estereotipada e preconceituosa contra pessoas de religiões de matriz africana, no entanto, aqui, o termo tem sido resignificado por adeptos da umbanda e do candomblé que, esvaziam o sentido ofensivo presente na palavra como uma estratégia de resistência, identidade e orgulho.

[10]

> assim… dez anos. Ele olhou bem sério. [Disse assim:] o túnel? Daí eu respondi assim na hora, né? Ah, é o túnel, mas não é o túnel. A Antonieta de Barros é mais que o túnel. Vocês não sabem quem é a Antonieta de Barros? Daí a primeira parte do livro: Antonieta de Barros é nome de rua, mas não é rua Antonieta de Barros. É nome de túnel, mas não é túnel Antonieta de Barros. É escola, mas não é escola. Antonieta de Barros é uma história. Fez história, tem a sua história e por isso virou nome de rua ,de túnel, de escola. Quer saber quem é Antonieta de Barros? Chega pertinho, eu te conto. .Siga o fio daí. (Entrevista realizada via plataforma Zoom em 02 de março de 2026).

Eliane Debus declara que reúne a linguagem ficcional e factual no livro de Antonieta. Acrescento que o relato acima sinaliza para uma reflexão "sobre o significado e o lugar da história no presente, sobre o que é que importa na compreensão e no aproveitamento do passado" (FRISCH, 2016, p.60). Naquele momento, a criança desconhecia a história da primeira deputada estadual negra do país, a posteriori várias crianças conheceram um pouco sobre a deputada, professora e jornalista Antonieta de Barros. Eliane Debus relata a recepção das meninas e educadoras ao entrarem em contato com o livro:

> O impacto nas meninas negras é sempre principalmente o coração, maiorzinho, sabe, nove, dez, onze anos. Porque os pequenininhos às vezes nem olham, tacham vêm, fazem carinho, reagem de outra forma, né? Mas as crianças que já estão ali entre dez, onze anos, elas têm uma compreensão maior, e elas vêm. Elas conversam. Essa da biblioteca, que eram escolas, mas não estavam no espaço da escola, entendeu? Querem ir ao encontro de uma escritora[...] Mas assim com os professores também. Ué. Muitos não conhecem. Aqui em Santa Catarina. Tu imagina no país. (Entrevista realizada via plataforma Zoom em 02 de março de 2026).

O coração das meninas negras cresce quando o silenciamento sobre a história de mulheres negras se desfaz. O coração das meninas negras pode crescer ainda mais quando elas se deparam com ilustrações representativas dessas personalidades ainda na infância. Indaguei Annie Ganzala, ilustradora deste livro, Antonieta, sobre o artifício de apresentar essas mulheres ainda crianças, sobretudo por entender que os registros históricos sobre a fase da vida dessas personalidades foram apagados. Sobre as representações, ela relatou:

> a ideia é que a criança preta possa se imaginar em lugares que a sociedade inteira vai dizer que não é lugar para ela. É uma forma de semear sonhos, possibilidades, tipo, olha, todo adulto já foi criança. Um dia, o Presidente já foi criança. Então, quando pensar nessas personalidades históricas de importância, de grande relevância histórica, é falar: você pode também estar fazendo história. Eu acho que isso muda tudo. (Entrevista realizada via plataforma Zoom em 09 de março de 2026).

Ter como referência a escrita e ilustrações das autoras negras, amplia o horizonte de expectativas das crianças. “Horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência” (Koselleck, 2006, p.311) ainda que seja “um espaço que ainda não pode ser contemplado” (Koselleck, 2006, p.311). No presente, Eliane Debus, assim como outras entrevistadas, “fazem a criação, a circulação e mediação até o leitor e leitora que constroem nesse livro-território a possibilidade de diálogos restauradores da identidade”. (LUZ, 2024, p.129)

Quando me refiro à identidade, não trato apenas da identificação das crianças, mas da identificação das escritoras com as personalidades negras que se tornam personagens das obras literárias listadas aqui. Regina Luz, educadora e escritora baiana, reconhece a si e a avó na trajetória de Maria Firmina:

> Eu levo as escritoras, mesmo elas não estando nos livros didáticos, trabalhando com Maria Firmina na sala de aula. Eu gosto muito das escritoras do século XIX, dos escritores e das escritoras. Duas alunas falaram assim: Regi, parece que você tem uma ancestralidade no século XIX. E, de fato, eu me identifico muito com as histórias das mulheres do século XIX. E aí eu trabalhei um livro com os alunos, que eram as biografias das mulheres negras de Jarid Arraes. E a partir desse livro, quinze heroínas negras brasileiras: eu pesquisei muitas histórias, e a história de Maria Firmina coincidiu muito com a minha [...]. Então a história dela me atraiu muito pela minha identificação. Como o meu projeto era entrelaçar mulheres negras de épocas diferentes. É, e que tinham contribuído com a minha identidade, com a minha formação. Eu achei que Maria Firmina, naquele momento, seria melhor. A mais apropriada e falava mais de mim e falava mais da minha avó. (Entrevista realizada via plataforma Zoom em 26 de fevereiro de 2026)

No livro escrito por Regina Luz, é pelos olhos de uma menina negra, oriunda de família baixa renda e leitora, que conhecemos Maria Firmina. Eva, a personagem, traz transformações para sua escola ao conseguir que Maria Firmina fosse a professora homenageada no evento escolar. O desejo de transformação, comum à autora, permanece entre os desafios de fazer circular para que mais crianças conheçam Regina, Eva e Maria Firmina:

> Eu não tenho editora. Eu não tenho nada. Eu tenho minha força de vontade, minha coragem e meu dinheiro de professora, como Maria Firmina. E é com esse dinheiro que eu estou fazendo o livro. Fazendo, vendendo e fazendo mais, fazendo, vendendo e fazendo mais, fazer circular é difícil. As pessoas não querem comprar livros de escritoras negras. Já não querem comprar de escritores, né? Um homem que tem um pouco mais de espaço sendo homem, mulher muito menos. (Entrevista realizada via plataforma Zoom em 26 de fevereiro de 2026).

Firmina aparece, também, na coleção *Meu Primeiro Black Power* de autoria de Cássia Valle e Luciana Palmeira. A obra que dá chão para a coleção foi o livro Felipa - Maria Felipa publicado em 2023 e escrito a convite da Editora Mostarda. Conforme Cássia,

> Eu e Luciana fizemos História juntas também, E como a gente fez a história. Eu também fui conhecer Maria Felipa no curso de história. E aí a gente ficou tão encantado com aquela mulher e sem entender como é que a escola... Isso tem um tempo. Como é que a escola...Tem quase vinte anos isso. Como é que a escola não se tocava de falar dessa mulher? (Entrevista realizada via Zoom em 21 de fevereiro de 2026).

A lei n° 10.639/2003, atualizada pela lei n°11.645/2008, favoreceu o surgimento de obras que valorizam a História e Cultura Afro-brasileira, assim como tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígenas, em especial nas disciplinas de História, Literatura e Artes. Ainda assim, o questionamento feito por Cássia prevalece em locais onde impera o silenciamento sobre a história dessas mulheres negras, sendo os movimentos sociais, intelectuais e artistas pessoas comprometidas com a valorização da história de personagens como Maria Felipa, Maria Firmina, Zeferina, Luíza Mahin entre outras.

Esses não são os primeiros livros de Cássia Valle e Luciana Palmeira escritos para infâncias. Perguntei à primeira, porque escrever livros para a infância. Ela me contou:

> a gente acredita - eu também e Luciana - que é na infância que a gente pode trabalhar logo pra não chegar nessa mulher preta que tem que ralar pra caramba. Se a gente, desde pequenininho, começa a dar esse reforço, pegar essa sementinha e regar de verdade; botar autoestima, questões de território, a importância da sua identidade, a importância dos seus mais velhos. Porque alguns de nós só foi descobrir tudo isso depois dos vinte.(Entrevista realizada via zoom em 21 de fevereiro de 2026).

O espaço de experiência, entendido aqui como um aglomerado de experiências vividos em diferentes camadas de tempo e o horizonte de expectativas conceituado como uma linha por trás do lugar em que se abre um espaço de experiência no futuro conforme Koselleck (2006), aponta para uma infância comum a muitas escritoras negras que não tiveram acesso à representatividade negra nos livros, algumas nem sequer aos livros.

Posso cruzar essa experiência à experiência da ilustradora Annie Ganzala que além de pensar nas crianças da atualidade, acolhe a sua criança interior ilustrando livros para infância

> E não tive acesso a livros com personagens que se pareciam comigo. E eu vivia em bibliotecas. Eu lia todos os livros possíveis e os melhores livros, principalmente, eram sempre com personagens brancas, contando histórias brancas e de reinos medievais, totalmente longe, distante da nossa própria realidade. E os que tinham alguma temática negra sempre tinham alguma

> questão problemática racista, de um racismo velado que a gente depois vai entender. [...]Então, para mim, é um prazer. Estou de alguma forma oferecendo também à menina que eu fui, à criança que eu fui… Então cada criança hoje que lê para mim, é como se a minha criança estivesse… Eu também estivesse lendo esses livros.(Entrevista realizada via Zoom em 09 de março de 2026.)

Suzane Lopes comunga de sentimento parecido ao de Annie Ganzala, "eu lembro que eu sempre gostei muito de ler desde pequena, e eu tinha livros que quando tinha um corpo negro, era um corpo negro sempre caricato ou sempre hipersexualizado. Essa caricatura do corpo sempre me incomodou muito. " (Entrevista realizada via Zoom em 11 de março de 2026.). Suzane Lopes foi convidada para ilustrar o livro *Enciclopédia Negra para Jovens Leitores.* Houve receios, afinal teria que ilustrar biografias de pessoas que não sabemos como eram, pois não são encontrados documentos ou consenso entre historiadores, no entanto, ambas ilustradoras buscaram referências em lugares, contextos históricos e costumes que serviram de incentivo à imaginação. Ao imaginar, optou-se por retratar histórias em que pessoas negras não estivessem em lugar da dor, da submissão

> a gente sabe que a maioria desses corpos estava em processo de ser subjugados e escravizados. Mas eu não queria que isso estivesse na imagem. Para mim, não era interessante. Isso é o que a gente já escutou. É o que a gente já sabe desde a escola. Eu quero pessoas altivas. Então tem uma coisa que une muito eles, que é uma realeza no sentido de ter uma pose. Eles estão posando. Sabe, é como se eu estivesse ali, olhando para aquela pessoa e pintando aquela pessoa, sabe, então todos eles estão olhando para frente. Então eu queria muito isso: um olhar de frente, com roupas. Porque uma coisa que eu observei, que as pinturas da época, quando tinha essas mulheres negras, principalmente as mulheres, elas não olhavam para frente e elas estavam sempre desnudas. Então eu vou e coloco. Tento trazer essa dignidade de roupas bonitas, coloridas. Tem turbante. Tem colar. (Entrevista realizada via Zoom em 11 de março de 2026.)

Madu Costa, escritora, contadora de histórias e educadora, conta que escreveu *Dandara Guerreira em cordel,* pois se posiciona quanto as narrativas históricas que omitiram a existência de mulheres negras, inclusive estabelecendo relações entre passado e presente:

> Eu escrevi com sangue nos olhos, como diz, né? Fazendo um exercício de empatia, pensando em todas nós, mulheres pretas, as que vieram antes, as da minha geração, as que estão chegando para dizer da importância de nós sermos as vozes que acendem o que a história oficial quer apagar, que é a história da mulher na resistência o tempo todo. Por que falam de Zumbi e duvidam da história de Dandara, por exemplo? Existe sempre uma dúvida. Ela existiu. É uma lenda, mas nunca ouvi falar isso de Zumbi. (Entrevista realizada via plataforma Zoom em 18 de fevereiro de 2026)

No cordel, a autora narra a história de Dandara, reconhece Dandara em muitos rostos e destaca a continuidade de uma luta " As ' Dandaras' de hoje em dia/ continuam a lutar/ Por

respeito e liberdade/ Não paramos de gritas/ Pelo fim da violência/ Vamos sempre nos juntar.”(COSTA, 2022, p.36)

Na contramão de experiências passadas, as autoras constroem referenciais de identidade nos livros para infância que corroboram para construção de infâncias e adolescência com autoestima elevada. Kiusam de Oliveira (2020) reflete sobre uma infância em que crianças negras possam desenvolver habilidades de protagonizar, escolher, opinar, emocionar-se, solidarizar-se e enfrentar problemas. Ela vai além, quando diz que crianças negras precisam encantar-se pelos próprios corpos, mesmo sendo socializadas em contextos agressivos e violentos.

Sônia Rosa criou o conceito de literatura negro-afetiva para crianças e jovens. Conforme a autora, “O amor é um sentimento nobre, o protagonista das vidas e as plenitudes dos seres humanos. Meus personagens são cheios de amor e de humanidade, logo faço uma desconstrução do pensamento do racista, reforçando e fortalecendo a identidade negra.” (ROSA, 2024, p.28).

Destaco o afeto na construção das histórias de *Raquel Trindade, pode me chamar rainha Kambinda*. Foi, também, uma pessoa próxima de Sônia Rosa, o que acrescentou uma vontade maior de homenageá-la em um livro; Dona Brígida, senhora que lhe rezou na infância; e Esperança Garcia, mulher escravizada que Sônia Rosa tomou conhecimento de sua existência ao pesquisar sobre escravizados e escravizadas alfabetizados. Sônia Rosa soube da carta escrita por Esperança Garcia e quis escrever um livro sobre a mesma. Em meio a treinos e reflexões sobre como contar a história, seu filho lhe alertou:

> “mãe, isso é um fato histórico. Você não pode fazer muita gracinha com fato de história. Aí eu falei, é, você não está errado. Não, por outro lado, eu achei frágil o caminho que eu fui. Achei bobo, menos pelo fato histórico. Mas pela forma de dar errado. Aí tentei outras possibilidades.” (Entrevista realizada via zoom em 24 de fevereiro de 2026).

Há certos cuidados tomados ao adaptar um fato histórico a uma linguagem literária, em especial para as infâncias. A existência de Esperança Garcia, bem como a elaboração de uma carta causava preocupação no modo em que o texto seria escrito. Sônia Rosa comunicou pesquisas acadêmicas com literatura e divulgou traços da história de Esperança Garcia, sendo adequado ao território intermediário entre Literatura e História Pública. Além disso, conforme Sara Albieri (2011), a história publicada apresenta omissão, adaptação de conhecimentos

comuns ao intérprete que decide o que vai fazer com a história divulgada. No caso da escritora de literatura, ela escolheu escrever

> viver a experiência dessa dor, dessa indignação que eu vou falar em primeira pessoa. E aí eu fui construindo o texto como se eu fosse ela. Meu nome é Esperança Garcia.Todo mundo tem uma história, e eu também tenho a minha[...] Eu não sabia ali que em dois mil e quatro, que eu estava fazendo entre aspas flertando, não exatamente fazendo, mas flertando com uma escrevivência. (Entrevista realizada via zoom em 24 de fevereiro de 2026).

A experiência imaginada tem como base a carta escrita por Esperança Garcia, que inclusive foi publicada, com adaptações no livro. Desde então, crianças, adolescentes, educadores e demais leitores ao acessarem o livro, acessam, também, um documento histórico. Elas se sensibilizam com a história de uma mulher que queria estar próxima à sua família, professar sua fé e viver sem violência. Nesse contexto, a obra é um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a servidão, a mutilação espiritual" (Candido,1995, p. 189).

A obra hoje pode ser criticada por referir-se à Esperança Garcia como escravizada e não como escrava. Botelho, Carvalho e Rassi (2021), recorrem ao trabalho de Santos e Taille (2012) para diferenciar escravo e escravizado. Segundo os estudiosos, o termo escravizado desnaturaliza o processo de escravização dos corpos negros, tal como responsabiliza os inventores da escravidão. Já o termo escravo, naturaliza, culpabiliza e submete o sujeito a condição imutável de inferioridade.

Indaguei à Sônia Rosa sobre a questão. Ela relatou

> A partir do momento que eu começo a estudar, eu começo a entender a forma de tratar, a falta de cuidado, o excesso de cuidado, a displicência e vamos dizer assim, a manutenção vocabular do preconceito e do lugar, mas ele é justificado. Ele é justificante. A produção editorial foi muito grande. A editora fez uma capa dura. Fez um investimento muito alto. E eu acho que foi na China alguma coisa do tipo. E aí, quando se tomou essa consciência desse desalinhamento do título, com o que é entre aspas, politicamente correto, não tinha como retornar. Por outro lado, ela se autodeclara escrava, ela se assina como escrava. Não justifica, mas é leal, vamos dizer assim. Não tenho a intenção, como uma leitora e uma pesquisadora e uma visitante dessas vidas de ser mais uma a maltratá-la. Quando eu escrevi, não tinha esse tipo de abordagem e não tinha mesmo. Há vinte e três anos, não tinha a mesma e que é uma abordagem absolutamente legítima, porque ninguém nasce escravo. (Entrevista realizada via zoom em 24 de fevereiro de 2026).

Após quatorze anos de publicação, considerando a ausência de intencionalidade em maltratar Esperança Garcia, o primoroso trabalho construído pelas autoras e editora e as reflexões sobre os conceitos escravo e escravizado seria fundamental reeditar o livro, alterando

assim a referência dada a Esperança Garcia, escrava. Ela se autodenomina escrava, pois não viveu outra condição senão a da escravidão, no entanto, nós que vivemos o momento de rever alguns preconceitos podemos honrar ainda mais sua memória. Lembremos que o Conselho Nacional da Organização dos Advogados do Brasil (OAB), em 2023, concedeu à Esperança Garcia o título de primeira advogada do país. Talvez fosse a hora de chamá-la de advogada também.

No mais, a escritora permanece demonstrando afeto aos personagens, livros e empenhada em provocar mudanças substanciais nos modos de pensar

> "continuo na busca daquele meu projeto primeiro, de quando eu me tornei professora, que é um projeto audacioso, querer mudar o mundo, mudar as mentalidades. Porque eu acredito muito que livros formam mentalidades".(Entrevista realizada via zoom em 24 de fevereiro de 2026).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Histórias e livros constituem um território fértil na divulgação da trajetória de mulheres negras. A partir da literatura, crianças, adolescentes e educadores, podem entrar em contato com memórias que foram silenciadas pela História até então consolidada.

Parafraseando Frisch (2016), o que importa na compreensão do passado? Qual o lugar da história no presente? Importa saber que há novos horizontes de experiências sendo construídos para crianças negras, bem como para crianças brancas que podem aprender a admirar e respeitar a diversidade e reconhecer os lugares conquistados pelas pessoas negras.

Em suas escrevivências, autoras negras, recorrem ao passado com nova interpretação: mulheres que antes tinham suas experiências reduzidas à experiência da escravidão são apresentadas como guerreiras, intelectuais, escritoras, educadoras e artistas, servindo de referencial de mudança para mulheres e meninas negras.

As narrativas são capazes de estabelecer pontes intergeracionais, tornando possível o encontro entre crianças, mulheres, mulheres escritoras e pessoas idosas, sendo o caso do livro *Mukalê: a menina de Matamba*, que durante o seu lançamento proporcionou um encontro entre as crianças do Projeto Vunje, a autora e a biografada, Mãe Hilsa.

Diferentes obras compartilham de experiências que somadas as experiências leitoras abrem uma expectativa de horizontes, visto que ao visitarmos o passado,damo-lhes novos

significados e entregamos as crianças negras referenciais de participação na vida política e cultural do país.

Para isso, uma das estratégias das entrevistadas está na criação de narrativas literárias e de ilustrações que baseada em referenciais históricos, artísticos e imaginários aproximam a criança das personagens ao representar passagens da infância das biografadas ou ainda dão rostos a personagens que a História apagou. Nessa perspectiva, destaco as ilustrações de Suzane Lopes e Ani Ganzala.

As narrativas anunciam, também, a negação de direitos dos quais a população negra foi submetida. Lemos na adaptação da carta de Esperança Garcia, a violação de direitos e esperanças de mudança. Em uma sociedade em que a violação dos direitos da criança negra se impõe, as autoras apresentadas almejam por transformações nas quais crianças possam se encantar pelo seu modo de ser e existir. O impacto dessas obras na vida das meninas negras me faz acreditar que podemos esperançar como Esperança Garcia esperançou.

BIBLIOGRAFIA

ALBIERI, Sara. *História pública e consciência histórica.* In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs). *Introdução à História Pública*. SP: Letra e Voz, 2011, p. 19-32.

BOTELHO, Rafael Lucas de Barros; CARVALHO, Carolina Vieira de; RASSI, Marcos Antônio Caixeta. Escravo x escravizado: reflexões sobre a escravização. In:https://revistas.unipam.edu.br/index.php/pergaminho. Acesso em 05/03/2026.

BRASIL. *Lei 11.645/2008, de 10 de março de 2008*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 8 ago. 2025.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura. In:* CANDIDO, Antonio. *Vários escritos.* São Paulo: Duas cidades, 1995. p. 253-263.

COSTA, Madu. *Dandara guerreira em cordel*. Ilustração: Carol Fernandes. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2022.

DIAS, Helena. Esperança Garcia: negra escravizada e primeira mulher advogada do Brasil. In:https://www.brasildefato.com.br/2024/11/21/esperanca-garcia-negra-escravizada-e-primeira-mulher-advogada-do-brasil/. Acesso em 05/03/2026.

DEBUS, Eliane. *Antonieta*. Ilustração: Annie Ganzala. Tubarão(SC): Copiart, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Da grafia- desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita.* Disponível em: https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/DA-GRAFIA-DESENHO-DE-MINHA-M%C3%83E-UM-DOS-LUGARES-DE-NASCIMENTO-DE-MINHA-ESCRITA-%E2%80%93-Revista-Z-Cultural.pdf. Acesso em 12.11.2025.

EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos***.** Disponível em: https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrevivencia%20e%20seus%20subtextos.pdf. Acesso em 12/11/2025.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou De A shared Authorit à cozinha digital, e vice- versa. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Rabelô Juniele de (orgs). História pública no Brasil: Sentidos e Itinerários. SP: Letra e Voz, 2016, p. 57 a 70.

HORA, Kaliana Oliveira. *O céu de Carol.* Ilustração: Stela Maria Gomes Menezes. Publicação independente: Coaraci-BA, 2021.

HORA, Kaliana Oliveira. *O céu de Carol e outras histórias de coragem.* Ilustração: Stela Maria Gomes Menezes. Publicação independente: Alcobaça- BA, 2025.

KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera. Erês. Obaluaiê In: BARROS, Marcelo (org).**O Candomblé bem explicado**: noções Bantu, Iorubá e Fon. RJ: Pallas, 2009.p.243.

KOSELLECK, Reinhart. *Espaço de experiência e horizonte de expectativa*: duas categorias históricas. In: Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006.

LIMA, Heloísa Pires. *Personagens negros:* um breve perfil na Literatura Infanto-Juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (org).Superando o racismo na escola. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

LUZ, Ananda. *A presença negra nos livros para as infâncias*. In: LICA, Márcia (org). Infâncias e leituras: presenças negras e indígenas na literatura infantil. SP: Editora Pulo do Gato, 2024, p.114-145.

LUZ, Regina Bárbara. *Eva.* Ilustração: Aline Terranova. Salvador: Tear Editora, 2023.

MARCELINA, Elaine. *Beata:* a menina das águas. Ilustração Ani Ganzala. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

OLIVEIRA, Kiusam de. *Literatura negra do Encantamento Infantojuvenil.* Disponível em: https://revistas.uneb.br/abatira/article/view/8845. Acesso em 12 nov. 2025.

OLIVEIRA, Elisa. Mukalê: a menina de matamba. Ilustração: Erica Silva. Publicação independente: Ilhéus-BA, 2024.

PIAUÍ, Juliana. *Literatura negra para as infâncias no Brasil.* In: LICAL, Márcia (org). Infâncias e leituras: presenças negras e indígenas na literatura infantil. SP: Editora Pulo do Gato, 2024, p. 36-83.

PALMEIRA, Luciana; VALLE, Cássia. *Mahin.* Ilustração: Leonardo Malavazzi. Campinas: Editora Mostarda, 2024.

PALMEIRA, Luciana; VALLE, Cássia. *Zeferina.* Ilustração: Leonardo Malavazzi. Campinas: Editora Mostarda, 2024.

PALMEIRA, Luciana; VALLE, Cássia. *Firmina*. Ilustração: Leonardo Malavazzi. Campinas: Editora Mostarda, 2024.

PALMEIRA, Luciana; VALLE, Cássia. *Felipa.*Ilustração: Leonardo Malavazzi. Campinas: Editora Mostarda, 2024.

ROSA, Sônia. *Meu nome é Raquel Trindade, mas pode me chamar de rainha Kambinda.* In: Ilustração: Bárbara Quintino. Rio de Janeiro: Editora Pequena Zahar, 2023.

ROSA, Sônia. *Quando a escrava esperança Garcia escreveu uma carta*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

ROSA, Sônia. *Dona Brígida.* Ilustração: Walter Lara. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

ROSA, Sônia. Casa de palavra preta: o protagonismo negro na Literatura Infantil.In: LICAL, Márcia (org). Infâncias e leituras: presenças negras e indígenas na literatura infantil. SP: Editora Pulo do Gato, 2024, p 14-35.

GOMES, Flávio dos Santos. SCHWARCZ, Lilian Moritz. Enciclopédia Negra para Jovens Leitores. Ilustração: Suzana Lopes. Enciclopédia Negra para Jovens Leitores. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2025.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de; SANTHIAGO, Ricardo. *Rompendo o isolamento:* reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. In: https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/102266/58383. Acesso em 10/02/2026.